

OPINIÃO

Tensões no Oriente Médio e os riscos ao agronegócio brasileiro

Paula Cristiane Oliveira Braz (*)

O recente conflito militar entre Irã, Israel e Estados Unidos acendeu um alerta global, com repercussões não apenas na geopolítica, mas também no comércio internacional — especialmente no agronegócio.

Brasil, como potência agrícola, está diretamente exposto aos impactos econômicos decorrentes da instabilidade no Oriente Médio, uma região que abriga importantes parceiros comerciais como Irã, Emirados Árabes Unidos, Bahrein e Síria.

A chamada “guerra de 12 dias” entre Israel e Irã foi oficialmente encerrada em 24 de junho de 2025, com um cessar-fogo anunciado como “total e completo” pelo presidente dos EUA. Entretanto, o ambiente continua volátil. O Irã afirmou ter vencido a disputa, mas Israel sinalizou que suas operações contra alvos estratégicos ainda podem continuar. Os Estados Unidos, por sua vez, lançaram ataques a três instalações nucleares iranianas, que, segundo o Pentágono, atrasaram o programa nuclear de Teerã em até dois anos.

Apesar da trégua, os impactos comerciais e logísticos já começaram a ser sentidos. O agronegócio brasileiro, cuja balança comercial depende fortemente das exportações para países muçulmanos, encontra-se em posição de vulnerabilidade. O Irã, por exemplo, é um dos maiores importadores de milho, carne e soja do Brasil, com cifras que ultrapassaram US\$ 2 bilhões em 2024, de acordo com dados do Ministério da Agricultura. O bloqueio de rotas comerciais e o aumento do custo de frete marítimo já pressionam os preços e ameaçam o escoamento regular desses produtos.

Além do Irã, países como Emirados Árabes Unidos, Bahrein e Síria também têm relevância no mercado halal — certificação essencial para

exportações brasileiras de proteína animal. A instabilidade na região pode provocar retração de compras por parte desses países, por incertezas cambiais e riscos logísticos. Os Emirados, por exemplo, compraram mais de US\$ 1,3 bilhão em carnes brasileiras em 2024, e representam uma porta de entrada estratégica para o mercado asiático.

A elevação do risco geopolítico no Golfo Pérsico também pressiona os preços internacionais do petróleo, o que afeta o custo dos insumos agrícolas no Brasil, como fertilizantes e combustíveis. Com o Irã ameaçando fechar o Estreito de Ormuz — por onde passa cerca de 20% do petróleo mundial — há temores de encarecimento no transporte marítimo e maior volatilidade nos preços globais de alimentos e energia.

Outro fator preocupante é o risco de isolamento diplomático. O Irã sinalizou que só retomará negociações nucleares com o Ocidente caso cessem os ataques americanos. Isso dificulta previsões para exportadores, já que sanções internacionais podem voltar a afetar canais de pagamento e seguros de carga.

Apesar disso, há oportunidades: o Brasil pode se posicionar como fornecedor confiável em tempos de escassez. A diversificação de rotas e acordos com outros países árabes, como Omã e Kuwait, pode mitigar perdas. No entanto, o momento exige cautela e planejamento, especialmente para cadeias que dependem de vendas para o Oriente Médio.

Em resumo, o conflito Irã-Israel-EUA, embora aparentemente arrefecido, representa um alerta estratégico para o agronegócio brasileiro. A volatilidade da região afeta diretamente o comércio com importantes mercados islâmicos, encarece custos logísticos e energéticos, e exige atenção redobrada do setor exportador, que deve se preparar para cenários alternativos em caso de nova escalada regional.

(*) Administradora, especialista em agronegócio e tutora dos cursos de pós-graduação na área de Agronegócios do Centro Universitário Internacional Uninter.

Culturas perenes ganham eficiência com tecnologia

O correto preparo do solo é fundamental para o bom desenvolvimento de lavouras de café e citros (laranja, limão, tangerina, entre outras), pois essas culturas são perenes e permanecem no mesmo local por muitos anos. Um solo mal preparado compromete toda a vida útil da lavoura e sua produtividade. Já um preparo bem feito permite que o sistema radicular se desenvolva adequadamente, garantindo plantas mais vigorosas, produtivas e resistentes a estresses ambientais.

Para ajudar os produtores a terem cada vez mais eficiência nessa importante etapa do processo produtivo, a Piccin Equipamentos marcará presença durante a edição 2025 da CooperCitrus Expo, apresentando suas tecnologias para distribuição de corretivos, fertilizantes e preparo de solo. A feira, que está agendada para os dias 21 a 25 de julho, em Bebedouro, no interior paulista, terá como destaque os recém-lançados distribuidores Master 4000 AUP e Master 1500 TP, que ampliam a oferta de soluções para diferentes

perfis de produtores. A empresa também apresenta equipamentos já consagrados no mercado.

O Master 4000 AUP foi desenvolvido para instalação em plataformas autopropelidas, sejam novas ou reaproveitadas. É ideal para operações que exigem maior autonomia e rendimento, sendo indicado para propriedades com maior demanda operacional. Já o Master 1500 TP é uma solução prática para áreas menores e tratores de menor porte, com acoplamento direto no terceiro ponto, o que garante praticidade e versatilidade no campo. Ambos os modelos se destacam pela estrutura reforçada, facilidade na utilização e pela aplicação precisa por esteira, mantendo o padrão de eficiência e durabilidade dos produtos Piccin. “São implementos que ampliam a nossa atuação em propriedades de diferentes portes, entregando soluções objetivas para otimizar o trabalho nas fazendas”, explica Thiago Duarte Piccin, engenheiro agrônomo e coordenador de Serviços ao Cliente do Grupo Piccin (www.piccin.com.br).

Desempenho reprodutivo de primíparas depende de nutrição adequada e manejo eficiente

Cuidados no pré e pós-parto também são essenciais para que as novilhas atinjam o peso ideal para reprodução

Um dos principais desafios da pecuária de leite e de corte, o desempenho reprodutivo de vacas primíparas ou de primeira cria, é motivo de muita atenção por parte dos produtores, que buscam manter o bem-estar animal das novilhas e garantir a produtividade e rentabilidade da fazenda. Nutrição balanceada, manejo reprodutivo eficiente e atenção especial, pré e pós-parto, fazem parte dos cuidados adotados na propriedade para que o ciclo reprodutivo seja otimizado.

“Estas vacas estão passando pelo seu primeiro ciclo reprodutivo após a primeira gestação e parto, e este é um período crucial para sua saúde e futura produtividade, pois elas ainda estão em fase de crescimento e desenvolvimento”, explica o zootecnista e diretor-técnico comercial da Connan, Bruno Marson. “Por causa do seu crescimento corporal e lactação, elas têm maiores necessidades nutricionais em comparação às vacas que já tiveram múltiplos partos e podem apresentar mais desafios reprodutivos, como maior dificuldade em empenhar novamente após o parto”, destaca.

Um dos cuidados fundamentais para que não ocorram problemas é uma nutrição adequada para que as fêmeas consigam atingir o peso ideal para a primeira inseminação, que corresponde a um Escore de Condição Corporal (ECC) em torno de 3,5 na escala de 1 a 5. De acordo com Marson, esse parâmetro é atingido com uma dieta equilibrada em termos de qualidade e quantidade dos nutrientes, que são fundamentais para a saúde reprodutiva.

Se necessário, a suplementação pode melhorar as taxas de retorno ao cio e reduzir o intervalo entre partos. Outro



“A alimentação deve ser ajustada para evitar perda excessiva de ECC no pós-parto, pois isso pode atrasar o retorno à fertilidade

ponto importante é manter o acesso constante à água limpa e fresca, especialmente durante o período de lactação. “A alimentação deve ser ajustada para evitar perda excessiva de ECC no pós-parto, pois isso pode atrasar o retorno à fertilidade”, alerta o zootecnista.

O uso de protocolos de inseminação artificial bem planejados, com sincronização do cio, quando necessário, pode melhorar a taxa de prenhez. Antes do parto, a novilha deve ficar em um ambiente limpo e confortável. Já no momento do nascimento do

bezerro, a estação deve ser planejada para evitar problemas como chuvas intensas e alta incidência de doenças e insetos, que podem afetar a saúde e o desempenho reprodutivo do animal.

“A atenção à saúde das primíparas no pré e pós-parto é fundamental para evitar problemas como retenção de placenta, infecções e doenças metabólicas que podem afetar o desempenho reprodutivo. Além disso, é importante minimizar o estresse térmico e outros fatores que possam prejudicar a saúde e o desempenho reprodutivo dos animais”, elenca Marson.

Por fim, é importante monitorar a saúde e a produtividade ao longo de todo o ciclo reprodutivo para identificar e corrigir problemas que possam surgir. “Com esses cuidados, é possível melhorar significativamente o desempenho reprodutivo das primíparas, aumentando a eficiência da produção de leite e carne”, finaliza.

Tarifaço mira commodities brasileiras

A tarifa de 50% anunciada na última quarta-feira (9) pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, sobre produtos brasileiros é a mais alta entre as novas taxas divulgadas até o momento. De acordo com análise do Itaú BBA, a medida pode comprometer significativamente a competitividade das exportações brasileiras, com risco de inviabilizar os negócios com o mercado americano, a depender dos desdobramentos e das negociações que venham a ocorrer.

Entre as commodities mais impactadas estão café, celulose, suco de laranja e carne bovina — itens de grande relevância na pauta exportadora brasileira. Caso a nova alíquota de 50% seja mantida e somada a tarifas já existentes, como os 26,4% que incidem sobre a carne bovina e os 10% sobre café e suco de laranja (que podem chegar a 60%), o impacto no setor agroexportador pode ser expressivo. Produtos como ovos e pescados, de menor representatividade, mas com presença relevante no mercado americano, também podem ser afetados.

O cenário pode ter reflexos no câmbio. Segundo o banco, dependendo da condução das negociações, o real pode se enfraquecer,



o que traria efeitos para o agronegócio. Por um lado, a desvalorização da moeda brasileira tende a aumentar a competitividade dos produtos no mercado internacional e melhorar a precificação em reais para o produtor. Isso pode estimular as vendas de grãos, como soja e milho, além de favorecer as exportações, em especial para o milho, que pode ganhar força nos embarques.

Por outro lado, o dólar mais alto pressiona os custos de produção. Como boa parte dos insumos agrícolas é importada, defensivos e fertilizantes ficam mais caros para os produtores. No caso específico dos fertilizantes, que já operam em níveis elevados, o efeito pode ser uma deterioração ainda maior na relação de troca com os grãos, reduzindo o poder de compra do produtor rural.

Exportações de tabaco brasileiro somaram US\$ 1,36 bilhão na primeira metade do ano

As exportações de tabaco brasileiro continuam em alta e o Brasil deve fechar 2025 como líder mundial em exportações pelo 32º ano consecutivo, confirmando a posição mantida desde 1993. Os dados do MDIC/ComexStat (Sistema de Dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços) mostram que, de janeiro a junho, foram embarcadas 206.518 toneladas de tabaco, totalizando US\$ 1,36 bilhão em divisas. Nesse período, os principais destinos do produto brasileiro foram China, Bélgica, Estados Unidos, Indonésia, Turquia e Emirados Árabes.

O volume exportado no primeiro semestre foi 5,77% superior ao dos primeiros seis meses de 2024, quando o Brasil vendeu 195.261 toneladas. Em relação aos valores recebidos, as vendas externas cresceram 9,5% em comparação ao mesmo período do ano passado, quando as exportações somaram US\$ 1,24 bilhão até a metade do ano. A expectativa do setor é encerrar 2025



com números que superem US\$ 3 bilhões em exportações de tabaco, uma previsão validada pela consultoria Deloitte, que projeta o aumento de 10,1% a 15% nas exportações brasileiras em relação a 2024.

O presidente do Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco (SindiTabaco), Valmor Thesing, destaca que a média histórica da

última década é superior a 500 mil toneladas embarcadas e US\$ 2 bilhões em divisas. “Nossa produção é vendida para mais de 100 países e continua contando com a preferência dos clientes devido à qualidade e integridade do produto brasileiro”, afirma. “Apostamos no nosso Sistema Integrado de Produção de Tabaco para manter o atendimento aos clientes estrangeiros e seguir gerando divisas para o Brasil”, completa.